**INFARTO AGUDO DO MIOCÁRDIO NO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE DA TAXA DE MORTALIDADE E DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO**

José Augustinho Mendes Santos¹; Jair Kleyson Sousa Leite²; Itagira Manfio Somavilla3; Josiane Saldanha Borba4; Mari Ângela Gaedke5; Beatriz Santana de Souza Lima6

1Enfermeiro (a), Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Santa Cruz-HSC, Santa Cruz do Sul-RS, augustinhomandes1@gmail.com; 2 Estudante de Enfermagem do Centro Universitário Cesmac;

3Enfermeiro (a), Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Santa Cruz-HSC, Santa Cruz do Sul-RS; 4Enfermeira, Residente do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Santa Cruz-HSC, Santa Cruz do Sul-RS; 5 Enfermeira, Doutora em Saúde Coletiva e Tutora da Residência Multiprofissional em Saúde do Hospital Santa Cruz-HSC;6 Enfermeira, Doutoranda EM Saúde Pública pela Universidade de São Paulo-USP e Docente do Centro Universitário CESMAC, Palmeira dos Índios-AL.

**RESUMO:**

**INTRODUÇÃO:**O Infarto Agudo do Miocárdio (IAM), representa um importante problema de saúde pública no Brasil, apresentando altas taxas de incidência e mortalidade.É considerado a segunda causa mais frequente de mortalidade, ocasionando aumento da mortalidade hospitalar no sistema público de saúde. **OBJETIVO:** Descrever o perfil epidemiológico e taxa de mortalidade por IAM no estado do Rio Grande do Sul, no período de 2008 a 2017. **MÉTODO:** Trata-se de um estudo descritivo, retrospectivo, sobre a mortalidade por IAM, realizada por meio de dados extraídos do Sistema de Informação sobre Mortalidade. As variáveis estudadas foram região do Brasil, sexo, faixa etária, escolaridade, cor/raça, estado civil e local de ocorrência do óbito. **RESULTADOS:** Foram notificados no estado do Rio Grande do Sul, 56.237 óbitos por IAM, com uma média de 5.624 óbitos por ano. Ao analisar a taxa de mortalidade, observou-se que a média no período em analise foi de 50,52/100.000 habitantes, além disso, ocorreu diminuição da taxa quando comprado o ano de 2008 com o de 2017. Vale destacar que a maior taxa de mortalidade foi no ano de 2008 (52,59/100.000 habitantes). Em relação ao sexo, a mortalidade por IAM foi mais frequente no sexo masculino (56,60%). Quanto a faixa etária, foi mais frequente em pessoas com idade entre 60 e 70 anos (50,18%). Ao analisar a cor/raça, a mortalidade por IAM foi mais frequente em pessoas de cor branca (88,41%). Em relação a escolaridade, 56,65% possuíam 7 anos ou menos de estudo. Observou-se que 40,62% eram casados. O local de ocorrência do óbito foi mais frequente no hospital (53,09%), seguido de óbitos no domicilio (35,73%). **CONCLUSÃO:**Observou-se que ocorreu uma diminuição da taxa de mortalidade por IAM no estado do Rio Grande do Sul e que os óbitos foram mais frequentes em idosos, do sexo masculino, da cor branca, com baixo nível de escolaridade e que morreram no ambiente hospitalar.

**DESCRITORES:** Infarto do miocárdio; Perfil de saúde; Mortalidades.

**REFERÊNCIAS:**

ANDRADE, Larissa Franco de et al . The Prognostic Value and Clinical Use of Myocardial Perfusion Scintigraphy in Asymptomatic Patients after Percutaneous Coronary Intervention.**Arq. Bras. Cardiol.**,  São Paulo ,  v. 111, n. 6, p. 784-793,  Dec.  2018 .   Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0066-782X2018001800784&lng=en&nrm=iso>. access on  25  May  2019.  http://dx.doi.org/10.5935/abc.20180199.

DOTTA, Gabriel et al . Regional QT Interval Dispersion as an Early Predictor of Reperfusion in Patients with Acute Myocardial Infarction after Fibrinolytic Therapy.**Arq. Bras. Cardiol.**,  São Paulo ,  v. 112, n. 1, p. 20-29,  Jan.  2019 .   Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0066-782X2019000100020&lng=en&nrm=iso>. access on  25  May  2019.  Epub Dec 17, 2018.  http://dx.doi.org/10.5935/abc.20180239.

LIMA, Maria Solange Moreira de et al . Clinical-epidemiological aspects of patients submitted to Percutaneous Coronary Intervention in a university hospital.**Rev. Bras. Enferm.**,  Brasília ,  v. 71, n. 6, p. 2883-2890,  Dec.  2018 .   Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0034-71672018000602883&lng=en&nrm=iso>. access on  25  May  2019.